



Passa-se de um paradigma biomédico, mecanicista e cartesiano, predominantemente nos últimos dois séculos, para um paradigma socioecológico que recupera o modelo hipocrático, e mesmo o chinês. A doença seria o desbalanceamento resultante de uma dieta pobre, de falta de sono, de exercício ou de desarmonia com família ou a sociedade.

MORTALIDADE E PREVENÇÃO

Folha de S. Paulo
Artigo publicado em 30.08.93

Os intelectuais da Saúde e as organizações internacionais da área encontraram novas e melhores formas para avaliar a questão da mortalidade, substituindo os tradicionais índices por aqueles que levam em consideração o cálculo de anos de vida perdidos e a qualidade de vida. Uma doença que tira a vida de um cidadão aos 70 anos – em um País onde a esperança média de vida é de 75 –, lhe roubou 5 anos; outra doença, nesse mesmo País, que faz uma pessoa sucumbir aos 32 anos, lhe tirou 43 anos. São mortalidades com pesos diferentes.

Esses novos índices de avaliação mudaram completamente a hierarquia dos fatores que preservam a saúde ou que provocam doença. O estilo de vida, no seu sentido mais amplo, passou a ser responsável por 50% dos anos de vida perdidos; a interação do indivíduo com o meio ambiente por 20%; a genética por outros 20% e o sistema de saúde, pasmem, apenas por 10%.

Essas conclusões recentes estão revolucionando os conceitos básicos de medicina. Passa-se de um paradigma biomédico mecanicista e cartesiano, predominantemente nos últimos dois séculos, para um

paradigma socioecológico, que recupera o modelo hipocrático, e mesmo o chinês, a doença seria o desbalanceamento resultante de uma dieta pobre, de falta de sono, de exercício ou de desarmonia com família ou a sociedade. De acordo com a tradição hipocrática, a saúde resultava do equilíbrio do indivíduo, com fatores ambientais como vento, temperatura, água, solo, comida e o modo de viver do cidadão.

Com essa mudança, passa-se a dar grande relevância à prevenção primária relacionada com os hábitos de vida.

Torna-se mais importante transferir informações e educar a população do que somente assisti-la. O novo paradigma socioecológico não substitui o biomédico; ele o engloba e o amplia.

As formas de pragmatizar esses novos conceitos devem incorporar a transferência de informações na relação médico-paciente, o que significa diminuir o excessivo poder médico criticado por Foucault. A mídia também tem importante papel como prestadora de serviço; escolas e salas de espera de ambulatórios e hospitais devem cumprir papel pedagógico nessa direção. O cidadão, informado e educado, tornar-se-á o seu próprio agente de saúde, consciente também de que saúde é um direito e não um favor, como reza a cultura nacional. Trata-se de mudança política e cultural e, por isso, difícil, mas que, se concretizada, proporcionará um relevante salto em saúde e cidadania.